

Território, Identidade e Poder: aspectos estruturais na Escola Técnica Encruzilhada

Territory, Identity and Power: structural aspects at the Crossroads Technical School

Cristovão Domingos Almeida¹

Luiz Carlos de Santis Alves²

Emersom Ciochetta Roballo³

Resumo

O objetivo é compreender as relações identitárias dos estudantes da escola técnica Encruzilhada, a partir das convivências cotidianas, que interligam representações de identidades rurais e urbanas, com destaque nos costumes, hábitos e tradições do gaúcho fronteiriço. Com base nos conceitos de território e territorialidade (HAESBAERT, 2007), enquanto espaço de limites e possibilidades, articulam as relações sociais e podem ocorrer o domínio do Outro (HALL, 2006). A metodologia é de cunho qualitativo, com entrevistas semi-dirigidas e observação. Utilizamos a Análise Textual Discursiva como forma de desconstruir, unitarizar e categorizar as vozes dos estudantes. Evidenciamos que o ambiente escolar rural influencia na construção de novas identidades e apontamos três dimensões: vestuário; linguagem e projeto de vida. Concluímos que a convivência dos estudantes em regime de internato na escola técnica ajuda a incorporar saberes, significados e costumes tradicionais, privilegiando às práticas e lidas gaudérias como forma de garantir poder e espaço no ambiente escolar.

Palavras-Chave: Território; Identidade; Escola; Educação e Poder.

Abstract

The objective is to understand the identity relations of the students of the technical school Encruzilhada, starting from the daily coexistence, that interconnect representations of rural and urban identities, emphasizing the customs, habits and traditions of the frontier Gaúcho. Based on the concepts of territory and territoriality, as a space of limits and possibilities, they articulate

¹ Pós-doutor em Comunicação e Práticas de Consumo; doutor em Comunicação e Informação; mestre em Educação, Graduado em relações Públicas; professor da Universidade Federal do Pampa.

² Mestre em Educação; licenciado em Geografia; especialista em Ensino da Geografia; graduando em letras; professor na Escola Estadual Técnica Encruzilhada, Maçambará/RS.

³ Mestre em Educação; licenciado em Geografia; especialista em Ensino da Geografia; professor do Instituto Federal Farroupilha.

social relations and may occur the dominion of the other. The methodology is qualitative, with semi-directed interviews and observation. Discursive Textual Analysis is used as a way to deconstruct, unitarize and categorize students' voices. It is evidenced that the rural school environment influences the construction of new identities and we point out three dimensions: clothing; language and life project. It is concluded that the coexistence of the students in boarding school in the technical school helps to incorporate traditional knowledge, meanings and customs, privileging the practices and read gaudérias as a way to guarantee power and space in the school environment.

Key-words: Territory; Identity; School; Education and Power.

Introdução

Este artigo aborda a formação da identidade dos estudantes da Escola Estadual Técnica Encruzilhada, matriculados no Curso Técnico em Agropecuária, residentes na zona urbana, a partir da convivência cotidiana com sujeitos e com práticas características da zona rural do Rio Grande do Sul. A motivação inicial surgiu a partir de observação participante, ocorrida durante os intervalos das aulas, nos eventos, nas rodas de conversas, no refeitório e no alojamento da escola. Percebemos, em diversos momentos, que os estudantes no decorrer do Curso Técnico em Agropecuária mudavam os hábitos, os costumes e, de algum modo, incorporavam práticas tradicionais do gaúcho campeiro nas formas de falar, agir, lidar e interagir socialmente.

Neste sentido, nos propomos a investigar tal situação, partindo da premissa de que a escola é um espaço em que se encontram as mais variadas culturas e identidades e a compreensão de como essa diversidade interage e convive. Diante disso, surgiram os tensionamentos e a problematização que emergem dessas interações sociais. Sabendo que ao desvelar essas dimensões, interferimos o processo de ensino e aprendizagem podem lidar com essas questões complexas, de modo articulado, atento e de valorização das experiências dentro e fora do ambiente escolar. A pesquisa é de cunho qualitativa e foi realizada no ambiente escolar. Os instrumentos utilizados para obtenção das informações foram a observação participante, entrevistas semi-dirigidas com seis estudantes do ensino médio, entre eles, quatro meninos e duas meninas e a revisão bibliográfica. Para o tratamento dos dados, utilizamos a Análise Textual Discursiva (ATD).

Desta forma, neste estudo realizamos uma discussão reflexiva acerca das influências que o ambiente e os círculos sociais exercem sobre a construção identitária dos jovens. Por isso, procuramos compreender como as articulações entre espaço, território e sociedade, bem como as relações de poder, contribuem para o processo de formações culturais identitárias individuais e coletivas.

Território e territorialidade: definições e contextualizações

É no espaço geográfico entendido como produto histórico das relações sociais (SANTOS, 1979) que se estabelecem estruturas diferenciadas e hierarquizadas. Se o espaço é organizado pelas pessoas, o mesmo, necessariamente, reflete as condições, necessidades e aspirações dos grupos sociais. Nesse sentido, a ocupação e organização do espaço pela sociedade produz o território. Assim, podemos dizer que o território se delimita, constrói e reconstrói, organiza e reorganiza através das relações de poder socialmente estabelecidas.

Num sentido mais restrito o território é um nome político para o espaço de um país. Em outras palavras, a existência de um país supõe um território. Mas a existência de uma Nação nem sempre é acompanhada da posse de um território e nem sempre a existência de um Estado (SANTOS; SILVEIRA, 2006, p. 19).

Com esta breve reflexão, compreendemos o conceito de território como uma variável intimamente relacionada ao humano, às relações sociais e de poder. Ao organizar o território, a sociedade cria uma hierarquia entre lugares e grupos, redefinindo a cada período o modo de agir individual e coletivamente. Desta forma, o território pode ser entendido ao mesmo tempo como unidade e diversidade, constituindo elemento de estudo central na história humana, especialmente acerca das relações sociais e processos produtivos.

Entretanto, se considerarmos que território é resultado e resultante da delimitação de poder podemos decorrer ao infortúnio da simplificação e ou de interpretá-lo de forma extremamente superficial, pois precisamos considerar que “o poder jamais é propriedade de um indivíduo; ele pertence a um grupo e existe apenas enquanto o grupo estiver unido”. (ARENDRT, 1985, p. 24). A complexidade em compreender e interpretar o processo de territorialização consiste no fato de estar condicionada a perspectiva de atuação dos agentes sociais envolvidos neste espaço.

Para Saquet (2004), o território é produto do processo de apropriação e domínio social, resultado e condição do processo deterritorialização. E isto se dá, cotidianamente, num *campo de poder*, nas quais a natureza exterior ao homem se apresenta de diferentes maneiras.

No cotidiano, existem territórios e tempos em movimento e em unidades, muitas vezes, simultâneos, recíprocos e contraditórios.

Nessa perspectiva, o território é base para um processo cultural de ocupação do espaço, porém devemos considerar a sua maleabilidade no que se refere a diversidade no reconhecimento de sua significação. Em outras palavras, o território se transforma e dentro do próprio território se reconhece diversos grupos que atuam de modos diferentes, a partir de suas necessidades, de seus recursos e técnicas disponíveis, considerando, a diversidade de significações sobre o espaço de domínio.

Para isso é necessário reconhecer a diversidade de atuação dos sujeitos em diferentes espaços de domínio. Além, das complexas identificações nos variados territórios por eles apropriados. O *status quo* dessa rede imbricada de relações *desconstroem* a percepção do espaço identitário, num processo ora desterritorializado, ora reterritorializando, ou seja, na capacidade de se reconhecer num novo espaço de domínio, porém sem necessariamente abandonar suas bases (reconhecidas) territoriais.

[...] as redes não podem ser vistas apenas como “destruidoras de territórios”: uma combinação articulada de redes, “malha”, por exemplo, pode ser a base de um processo de (re)territorialização, ou seja, de formação de novos territórios (HAESBAERT, 1997, p. 94).

Esse processo de ressignificação do espaço vivido na lógica de perceber as diferentes identificações sociais que normatizam o convívio são processos mutáveis que sofrem constantes pressões de distintos grupos dentro deste espaço. Não se trata apenas de uma adaptação ao meio. Pois, os agentes sociais e principalmente, os grupos, quando reconhecem elementos cruciais de identificação, mesmo na particularidade redimensionam as estruturas sociais vigentes no território.

[...] o “apegar-se a terra”, a reterritorialização é um processo que vem ganhando força. Ele se torna imprescindível não somente como fonte de recursos para a sobrevivência física cotidiana, mas também para a recriação de seus mitos, de suas divindades ou mesmo para manter viva a memória de seus mortos. (HAESBAERT, 1999, p. 185).

A dinamicidade aqui levantada permite compreendermos que espaços são transformados e essas rugosidades (SANTOS, 1986) são representações significativas da presença da diversidade num espaço territorializado que, muitas vezes, são sufocados pela intenção de padronização, processo reconhecidamente fadado a ruína, pois mesmo identificadas as fronteiras delimitadoras dos territórios, devemos considerar que não se trata de acidentes geográficos, mas principalmente de reconhecimento e valorização social que lenta ou

bruscamente são rompidas, ou seja as fronteiras culturais são maleáveis aos estímulos dos grupos que a reconhecem e, portanto tornam o espaço territorial muitas vezes respeitado, mas também adaptado as formas de ocupação.

Para Haesbaert (2007) tanto o território quanto a territorialidade podem se apresentar na forma material, imaterial ou como espaço vivido. A expressão da territorialidade na forma material, relaciona-se a estratégias de controle físico do território por grupos dominantes. Na sua forma imaterial, apresenta-se como construção do imaginário e da cultura dos grupos, com o mesmo objetivo. Já na forma de territorialidade como espaço vivido, coexistem as duas formas anteriores com estratégias de controle territorial, operacional e simbólico.

O território quanto (i)materialidade não é apenas um palco ou formas espaciais, tão pouco apenas relações sociais, uma vez que, as próprias relações sociais têm sua (i)materialidade; elas são tanto objetivas quanto subjetivas; mudam e permanecem, na vida cotidiana (SAQUET, 2004).

Desse modo, o movimento e a heterogeneidade estão no território, nas relações que seus agentes sociais efetivam e apesar das múltiplas abordagens em torno do território da territorialidade humana, priorizamos as dimensões sociais, pois, julgamos, mais apropriadas e coerentes com a complexidade do real (SAQUET, 2004).

Identidade cultural: processo em construção

Os pesquisadores, de diferentes áreas, lidam com diversas definições conceituais de: identidade e identidade cultural. Por isso, entendemos que a discussão sobre as identidades é ampla e tem se destacado como uma questão central nos debates contemporâneos. No contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência dos novos movimentos sociais (GOHN, 2008), os quais estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais, profissionais e culturais.

Silva (2000) esclarece que identidade é aquilo que os sujeitos são, ou seja, homem, mulher, brasileiro, negro, heterossexual, LGBT. Sendo assim, a identidade é entendida como algo positivo e independente, fazendo referência em si mesma, ou seja, é a valorização da autossuficiência do sujeito. Silva (2000) aponta também a diferença como fator importante para compreendê-la: “identidade e diferença são inseparáveis” (SILVA, 2000, p. 75). Dessa forma,

é essencial ressaltar que esses dois conceitos são produtos da esfera social e cultural, com participação ativa dos sujeitos que os constituem e seus sistemas simbólicos. Por isso, Silva (2000, p. 84) apresenta dois movimentos na construção das identidades: “de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e desestabilizá-la”.

Sobre a relação identidade e diferença, Woodward (2000) diz que a primeira é marcada pela segunda, sendo que esta é sustentada pela exclusão. Isso faz com que a identidade seja fruto de uma construção simbólica e social. Nesse sentido, é importante a questão da representação nesse processo, que inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos enquanto sujeitos. Pois é, através dos significados produzidos pela representação, que damos sentido às experiências vividas e materializamos aquilo que somos. Numa perspectiva ampla, a cultura age como uma espécie de dar forma a identidade, possibilitando dar sentido à realidade. De modo que, o sujeito ao ver que essa identidade é possível, ele opta, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade.

Ao aproximar dessas ideias, especialmente, quando se analisa as identidades nacionais e, na experiência que apresentamos aqui, incluímos as identidades do gaúcho fronteiriço, é comum estabelecer relações com as tradições, com as narrativas dos fundadores, isso porque as identidades funcionam a partir do que Anderson (2008) denomina de comunidades imaginadas.

Nesse contexto, as ideias de Silva (2000) se aproximam do conceito de hibridismo cultural de Canclini (2003), uma vez que a identidade é constituída a partir do hibridismo, ou seja, essa mistura preserva elementos das identidades originais e também se caracteriza com a incorporação de outros e novos elementos.

Na abordagem da teoria cultural contemporânea, o hibridismo é mistura. É a conjunção, o intercurso entre diferentes nacionalidades, gênero, sexualidade, etnia, raça, confrontando com os defensores dos processos que concebem as identidades como algo separadas, divididas, segregadas e até compartimentalizada (SILVA, 2000, p.87). É importante lembrar que Hall (2006) afirma que antes de surgir o debate sobre as novas identidades e a fragmentação do indivíduo, este era visto como sujeito unificado. Com a crise de identidade, Hall (2006) avalia que houve deslocamento do sujeito no social, cultural e a si próprio.

Sobre isso, é importante relatar o exemplo mencionado por Silva (2000). O autor apresenta a diáspora ocorrida com os negros africanos que, ao serem escravizados, passaram a ter contato com várias culturas. Essa ação auxiliou nos processos de miscigenação, inserindo os grupos de negros em processo de hibridização, sincretismo e criouliização cultural. Essa prática transformou, desestabilizou e deslocou as identidades originais daqueles grupos. Essa situação também pode ser verificada a partir de nossas experiências ocorridas na escola técnica de Encruzilhada, onde, com o passar do tempo, com as convivências prolongadas entre os estudantes em regime de internato e semi-internato, passam a reconfigurar as suas identidades e adquirir formas e costumes dos gaúchos fronteiriços.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo imaginário ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada (HALL, 2006, p. 38).

Nesse sentido, o autor nos provoca a rever a nossa visão conceitual de identidade enquanto algo acabada, nos posicionando numa condição de identificação e num processo em andamento. Ou seja, a identidade cultural vai além da nossa plenitude, de algo já inserido dentro de nós mesmos, “mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir do nosso exterior, pelas formas das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (HALL, 2006, p. 39).

Escosteguy (2001) esclarece que o debate sobre as identidades oscila predominantemente em duas linhas: essencialismo e construção social. Para a autora, a posição essencialista compreende a existência de grupos sociais e/ou comunidades através de uma categoria inerente ou inata aos sujeitos, enquanto que a construção social concebe a identidade como um produto engajado na sociedade. Isso nos remete a pensar a identidade a partir de uma estratégia discursiva, por exemplo, a identidade cultural construída nas tradições. Para Hall (2000, p. 54) algumas vezes elas podem ser inventadas, mas não anuladas. E, significa “um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, implica continuidade com um passado histórico adequado”. Essas dimensões conceituais de identidade serão verificadas no próximo item, a partir do acompanhamento, observação e entrevista com os estudantes da Escola Técnica.

Escola Técnica Encruzilhada: história em movimento

A Escola Estadual Técnica Encruzilhada está localizada na Zona Rural do município de Maçambará, na mesorregião sudoeste do Rio Grande do Sul. Essa região do estado se destaca pela vegetação dos Pampas e a matriz produtiva é voltada para o setor agropecuário, especialmente as atividades criatórias de bovinos e ovinos além do cultivo de diversificadas lavouras com ênfase para o arroz, a soja e o trigo. Neste sentido, a escola se consolida como referência regional na Educação do Campo e nas práticas agropecuárias, tendo como principal objetivo, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP), o de oferecer um ensino de qualidade voltado para a valorização da vida e do trabalho no campo numa perspectiva socioambiental sustentável.

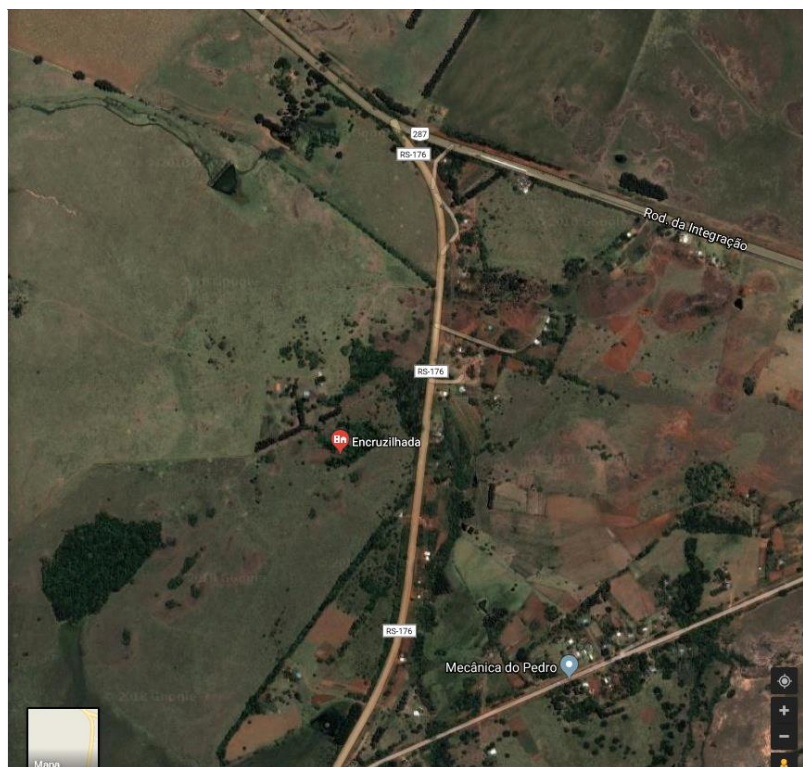


Figura 01: Localização da Escola Estadual Técnica Encruzilhada – Fonte: GoogleMaps.

A escola foi criada em 1962, com mais de cinquenta anos de existência, atende estudantes da Educação Básica além de oferecer a Educação Profissional integrada ao Ensino Médio, com o Curso de Técnico em Agropecuária. Desde a Educação Infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, os estudantes já desenvolvem atividades direcionadas para o setor agropecuário, especialmente através de projetos que integram os diversos níveis de ensino presentes na escola. A partir do sexto ano do ensino fundamental é inserido no currículo, o componente de Práticas Agropecuárias que entre seus objetivos é aproximar os estudantes dos componentes e práticas do Curso Técnico.

O Curso Técnico em Agropecuária recebe estudantes de municípios do entorno, visto que é o único em um raio de duzentos quilômetros. Para viabilizar a permanência desses estudantes, a escola mantém um regime de internato, onde os estudantes passam a semana na instituição e recebem acomodação, refeições e desenvolvem atividades culturais, de lazer e esportivas. Atualmente, os cursos técnicos contam com cento e vinte matrículas distribuídas em cinco turmas que desenvolvem o currículo em tempo integral, ou seja, manhã e tarde. Setenta estudantes são contemplados com o regime de internato que é oferecido para meninas e meninos.

No espaço administrativo da escola, cerca de dois hectares, conta com salas de aulas, setor administrativo, cozinha, refeitório, alojamentos e amplo salão. Já na chamada área técnica, com cinquenta hectares, são desenvolvidas as atividades práticas do Curso Técnico, além de projetos de pesquisa e experimentos. Nela estão distribuídas as dez Unidades Educacionais Produtivas (UEPs), que correspondem a algumas das disciplinas do curso, como ovinocultura, bovinocultura, suinocultura, apicultura, fruticultura e culturas anuais. As UEPs são indispensáveis para o curso, pois além de serem instrumentos de aprendizagem fornecem a maior parte da alimentação para os estudantes em regime de internato e o excedente da produção é comercializado na comunidade, sendo que esse recurso gerado serve para adquirir os produtos que não se cultiva na escola.

Procedimento metodológico

A pesquisa foi motivada a partir da observação das relações e transformações dos estudantes inseridos no contexto educacional na escola rural, mais especificamente no Curso Técnico em Agropecuária. Ao longo de três anos, notamos empiricamente que os estudantes oriundos da cidade, no decorrer do curso sofriam progressivamente, alteração nas suas preferências e hábitos, mudanças ocorridas através da aprendizagem, das interações sociais e do amadurecimento pessoal. Diante disso, a questão que norteia este estudo é: como ocorre a (trans)formação identitária dos estudantes urbanos, que ingressam em uma escola rural para frequentar o Curso de Técnico em Agropecuária?

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico para a fundamentação teórica. O procedimento permitiu embasar as ações subsequentes da pesquisa. Tal levantamento bibliográfico, entretanto, não pode ser considerada a revisão bibliográfica visto que essa foi realizada do início ao fim da pesquisa. Podemos dizer que o levantamento bibliográfico é a parte inicial da revisão de literatura. Conforme Tozoni-Reis (2010), a revisão bibliográfica:

Trata-se de um procedimento que deve ser iniciado juntamente com a pesquisa e sua elaboração deve ser permanente. Essa revisão, geralmente, ocorre após a definição das bases da pesquisa, tais como a escolha do tema, a reformulação do problema, dos objetivos e das hipóteses de estudo (TOZONI-REIS, 2010. p. 71).

Em um segundo momento foram escolhidos quatro alunos e duas alunas, residentes na zona urbana, sendo dois de cada série do Curso de Técnico em Agropecuária, para serem submetidos a uma entrevista semi-dirigida. Os critérios de inclusão dos sujeitos da pesquisa foram: frequentar regularmente o curso de Técnico em Agropecuária. Estar em regime de internato e terem disponibilidade para participar da entrevista. Definimos dois estudantes de cada série para que se obtivesse uma amostra de cada uma das etapas oficiais do curso, contemplando a fase inicial, a intermediária e a final.

As entrevistas semi-dirigidas foram realizadas individualmente e em momentos específicos, os estudantes voluntários responderam ao questionário em horário de aula, porém, em sala separada de sua classe. As questões foram divididas em duas partes: a primeira sobre qualificação e identificação do perfil do entrevistado e a segunda, verificamos as percepções acerca das alterações que eventualmente pudessem ter ocorrido em seu modo de vida em decorrência do convívio na escola rural. Em função da responsabilidade ética, os entrevistados não serão identificados, e neste artigo são apresentados como: A1 (primeiro aluno) e A2 (segundo aluno) correspondentes aos estudantes do primeiro ano; A3 (terceiro aluno) e A4 (quarto aluno) representantes dos estudantes do segundo ano e por fim, A5 (quinto aluno) e A6 (sexto aluno) são os concluintes do curso.

Sujeito	Idade	Sexo	Série	Origem
A1	16 anos	M	1º ano	Zona Urbana
A2	18 anos	M	1º ano	Zona Urbana
A3	17 anos	M	2º ano	Zona Urbana
A4	17 anos	F	2º ano	Zona Urbana
A5	17 anos	F	3º ano	Zona Urbana
A6	18 anos	M	3º ano	Zona Urbana

Quadro 01 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa (Fonte: Pesquisa de Campo, 2017).

O quadro caracteriza os sujeitos da pesquisa quanto ao sexo, série escolar e área residencial. Quatro estudantes são do sexo masculino, a faixa etária varia entre dezesseis e dezoito anos, dois estudantes de cada série do curso. Que se estrutura em três com duração de um ano cada. Em relação a origem dos estudantes, todos residem em áreas urbanas. A amostra totalizou um percentual de dez por cento dos alunos em regime de internato, isso justifica observar e compreender a representação das dinâmicas culturais em processo de mudança.

Os dados obtidos foram analisados segundo a proposta da ATD de Moraes e Galiazzi (2011). A ATD é uma técnica de análise do discurso que objetiva a compreensão de fenômenos a partir da reconstrução de fenômenos existentes “a análise textual discursiva corresponde a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com finalidades de produzir novas compreensões sobre fenômenos e discursos” (MORAES e GALIAZZI, 2011, p.11).

De um modo geral, a ATD se desenvolve a partir de três etapas básicas: i) a desconstrução do *corpus*; ii) a unitarização e iii) a categorização. Entretanto, para iniciar a primeira etapa que é a desconstrução do *corpus*, precisamos nos apropriar do mesmo. O que chamamos de *corpus* são as próprias produções textuais analisadas. No caso dessa pesquisa, o *corpus* foi obtido através do discurso dos sujeitos explicitados nas entrevistas. A desconstrução do mesmo consiste em sua decomposição, a fim de perceber os seus sentidos. É dessa desconstrução que emergem as unidades de análise. “A análise textual discursiva opera com significados construídos a partir de um conjunto de textos. Os materiais textuais constituem os significantes a que o analista precisa atribuir sentidos e significados” (MORAES e GALIAZZI, 2011, p. 13).

No processo de unitarização, as unidades emergem a partir da identificação das similaridades encontradas nos discursos. O número de unidades depende da medida de fragmentação do texto, que se relaciona ao conhecimento já adquirido previamente sobre o tema. Entretanto, é feito conforme critérios e percepções do pesquisador. Realizamos, neste caso, um esforço no sentido de analisar as unidades de forma a reconstruir novas perspectivas que estivessem em princípio ocultas nos discursos, utilizando a semântica como critério na definição de cada unidade, sem deixar de considerar o contexto (MORAES e GALIAZZI, 2011).

Além disso, tomamos o cuidado para que a fragmentação do *corpus* não fosse tão extrema a ponto de se descontextualizar da questão de estudo. As unidades de análise são sempre identificadas em função de um sentido pertinente aos propósitos da pesquisa. Podem ser definidas a partir de critérios pragmáticos ou semânticos (MORAES e GALIAZZI, 2011, p.19).

A partir do processo de unitarização, chegamos ao aspecto central da ATD, a categorização. As categorias expressam a compreensão da análise. Surgem a partir do

agrupamento de unidades que expressam sentidos semelhantes, comuns. Porém, uma unidade pode compor mais de uma categoria, caso apresente sentidos diferentes.

A partir da análise das categorias, demos início ao processo de construção dos metatextos, que consistem na sistematização das compreensões geradas na categorização. Os metatextos não constituem textos fragmentados, mas ideias integradas a partir de um argumento aglutinador que expressa a percepção inserida em um contexto. Neste sentido, a construção do metatexto, completa um ciclo presente na ATD, que se inicia com a desconstrução de um texto (onde está presente um discurso) e encerramos com a sua reconstrução, na perspectiva de encontrar novas interpretações dele.

A produção de um metatexto, combinando descrição e interpretação, uma das formas de combinar a análise textual discursiva, constitui-se num esforço para expressar intuições e entendimentos atingidos a partir da impregnação intensa com o “corpus” da análise (MORAES e GALIAZZI, 2011, p.37).

O desafio do metatexto é extrair teorias a partir da análise dos dados empíricos, neste sentido, sua elaboração, passa inicialmente por um movimento descritivo, avança para a interpretação e finaliza com a construção de argumentos.

Resultado e discussão

Após a fragmentação dos textos coletados através da pergunta: Qual é a sua motivação para a escolha do Curso de Técnico em Agropecuária? emergiram duas categorias. A primeira denominamos “Trabalho” e nela os estudantes demonstram como motivação para o ingresso na escola rural à busca de inserção profissional. A segunda categoria, majoritária, denominada “identidade” demonstra que os estudantes foram motivados a frequentar o curso em função da preferência e identificação com as atividades agropecuárias. No Brasil, os cursos técnicos se apresentam como atrativos para famílias de baixa renda que são forçadas, pelas circunstâncias a ingressar no mercado de trabalho com maior agilidade (CORDEIRO; COSTA, 2006). A categoria “Identidade”, verificada em quatro respostas indica que muitos estudantes optaram pelo Curso de Técnico em Agropecuária em virtude da identificação com o meio rural e suas práticas, às vezes, influenciados por tradições familiares.

Com relação à segunda categoria, consideramos que a identidade é uma construção, conforme suas necessidades e através do trabalho, altera, agrega, incorpora numa realidade própria. Neste processo ocorre também a sistematização de um conjunto de hábitos, tradições, crenças, conhecimentos, entre outras variáveis, que de forma simplificada chamamos cultura. Assim, o ser humano produz a sua própria realidade através da cultura, ou seja, as pessoas são

produtos e produtores de si mesmo (ARAÚJO NETTO; RAMOS, 2000). As identidades por sua vez, emergem de um contexto cultural individual ou coletivo, neste caso, tipificadas. Desta forma é possível considerar que a formação identitária é construída no cotidiano e intimamente relacionada com o mundo do trabalho (ARAÚJO NETTO; RAMOS, 2000).

Em outra pergunta questionamos acerca das alterações nas preferências musicais após o convívio cotidiano na escola rural. Nas respostas evidenciamos duas categorias: inalterada e incorporada. A categoria inalterada refere-se aos estudantes que não perceberam mudanças em sua preferência musical, é minoritária, representada por dois estudantes. A categoria incorporada, majoritariamente mostra que os estudantes incorporaram ou intensificaram a sua preferência pelo estilo musical tradicional no meio rural gaúcho.

Neste caso, a categoria incorporada é a mais significativa para a pesquisa. Desta forma, destacamos a identidade, como um reflexo da cultura que vai se formando e ressignificando nas diversas etapas da vida, de forma individual e coletiva. Em um primeiro momento, o grupo familiar é a base deste processo. A partir da idade escolar as possibilidades de estruturação das identidades se ampliam pela convivência com professores e contatos com grupos sociais, inclusive seus “iguais” (CLAVAL, 2007). Neste sentido, a cultura significa a existência das pessoas se inserindo e fazendo parte da sociedade. Desse modo, compartilhar a preferência por estilos musicais tradicionais a um grupo, torna-se um rito de integração ao mesmo. Além disso, a música é promotora da cultura, por meio de vários significantes, uma vez que intensifica o alcance de uma mensagem e sua carga de emoção (CLAVAL, 2007).

Sobre a pergunta: Seu vestuário sofreu alteração após o ingresso na escola rural?. Originou as categorias inalterado e influenciado. Para a minoria dos estudantes, a convivência na escola rural e o contato com as práticas rurais não alterou o modo com que se vestem. Alguns estudantes estão situados na categoria: influenciado, pois, as interações sociais na escola rural trouxeram alterações no modo com que se vestem, incorporando trajés típicos da zona rural gaúcha e reduzindo trajés comuns das áreas urbanas. Destacamos que os estudantes entrevistados que não perceberam alteração no vestuário são os do primeiro ano do curso, que estão na escola há seis meses. Já os que estão na escola há mais de um ano percebem alteração. Como exemplo destacamos a resposta do A6, aluno em fase de conclusão do curso, há dois anos e meio na escola: *Sim, deixei de usar boné e passei a usar chapéu, às vezes, também passei a usar menos tênis e mais botinas e botas.*

Consideramos que o vestuário é um dos aspectos de influência na manutenção de uma cultura identitária, pois é algo observável no campo visual. No caso do Rio Grande do Sul, o vestuário típico do gaúcho é chamado de “pilcha”. Inicialmente essa expressão regional era utilizada para designar vestimentas que possuíam grande valor, como em determinada época elas se tornaram financeiramente dispendiosa e o termo passou a ser aplicada como forma de demarcação social do gaúcho (MACIEL, 2005).

A vestimenta ganha destaque inclusive tem uma Lei Estadual 8.813/89 que oficializa a pilcha como indumentária do Rio Grande do Sul, devendo ser aceito em todos os eventos públicos ou privados. Neste caso, a legislação é utilizada como mecanismo para a manutenção de uma identidade regional. No caso da indumentária típica do gaúcho, especialmente a masculina, a mesma está diretamente ligada às lidas do campo, especialmente na região pampeana onde o pastoreio foi e é altamente difundido. Neste sentido, a utilização da pilcha na Escola Rural, com maior ênfase no Curso de Técnico em Agropecuária está fortemente relacionada às questões do trabalho. Estudantes ligados ao campeirismo que ingressam na escola, têm o costume de usar as pilchas. Eles são os potencializadores da difusão e influenciam os que não são adeptos, geralmente residentes na cidade, e que ingressam com o objetivo de se inserir no mercado de trabalho. O segundo grupo de estudantes passa a incorporar um novo traço identitário. Essa situação explica que a presença da pilcha é marcante quantitativamente em estudantes do último ano do curso e aparece em menor escala no primeiro ano.

Questionamos também sobre a linguagem. Após análise, originou as categorias: presente e influenciada. Para dois estudantes não houve alteração em seu vocabulário ou modo de falar após o convívio com a comunidade escolar. Reafirmam que já possuíam características da comunicação do meio rural no seu cotidiano. Já uma parte considerável de estudantes, situaram-se na categoria influenciada. Eles percebem com evidencia as alterações na oralidade, especialmente os que se encontram a mais tempo na escola. A principal mudança observada foi a eliminação da utilização de gírias típicas da juventude urbana, como se observa na resposta a seguir, do entrevistado A4, há um ano e meio na escola, já percebe com clareza as alterações em seu vocabulário. Disse: *Na cidade se usa bastante gíria, e aqui é mais bagual, tu começa a falar diferente, começa a seguir os costumes da campanha.*

Essas mudanças na linguagem nos permitem considerar a dinamicidade dos espaços socioculturais e a formação das identidades. Nos estudos culturais, por exemplo, encontramos um tipo de linguagem denominada “referencial”, ligada as tradições orais ou escritas que

assegura a continuidade dos valores por uma referência sistemática às obras do passado. Neste sentido, a música tradicionalista gaúcha, com seu vocabulário regionalizado, insere-se neste contexto. Outro exemplo prático é o hábito de cantar o hino Rio-grandense nos eventos públicos, nas atividades de Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), jogos de futebol, entre outros ambientes. A letra do hino fala de um passado de lutas e conquistas, prestando-se a manutenção de um sentimento de orgulho que se reflete na identidade coletiva gaúcha.

Nesse contexto é importante também verificar a influência do esporte na alteração da identidade dos jovens. A partir das falas dos entrevistados evidenciamos duas categorias denominadas misto e rural. Misto indica a preferência dos estudantes por esportes praticados tanto nas zonas rurais quanto nas áreas urbanas e foi quantitativamente mais expressiva. Apenas um estudante situou-se na categoria rural, identificando com esporte praticados majoritariamente na zona rural. Nesta análise cabe destacar a prática ou preferência pelo esporte do “tiro de laço”, esporte ligado às áreas rurais da fronteira do Rio Grande do Sul. Também é importante observar, que o futebol tem destaque, inclui-se a preferência nacional, entretanto com dimensões de rivalidade entre gremistas e colorados. Sendo que a cada vitória dos times, a sala de aula e os pátios da escola ganham tonalidades majoritária de azul ou vermelho. Destacamos a resposta do A4, que nos leva a perceber um processo de aproximação com o esporte típico das zonas rurais da região: *Eu sempre joguei futebol, mas gostaria de aprender a laçar em rodeios, comecei a frequentar rodeios, mas ainda não laço.*

O tiro de laço é um esporte tradicional da região do pampa, no sul do país, praticado nos rodeios e consiste em laçar um boi em movimento, sendo que o laçador arremessa o laço montado no cavalo. Na escola, esse esporte é praticado em uma modalidade chamada “vaca parada” onde uma simulação de gado bovino, feita geralmente de madeira, e o peão com o laço de couro, numa distância razoável, tenta acertar o alvo.

Segundo Howes Neto (2009) “Pistas de rodeio” são construídas ao redor das cidades, e também na zona rural, e nos finais de semana reúnem centenas de laçadores para treinar ou para disputar os torneios e concursos de tiro-de-laço. Como pano de fundo desse cenário, percebemos uma imbricada rede de ligações de compromissos e reciprocidades mediadas pelas entidades tradicionalistas promotoras desses eventos, como também um mercado econômico que gira em torno da atividade. Tudo isso gera consumo materiais e simbólicos que se insere na multiplicidade de manifestações da identidade tradicional gaúcha. Neste sentido, evidenciamos o esporte como componente da cultura e aspecto relevante na formação identitária.

Observamos que na relação cotidiana, a alteração de valores e comportamentos dos estudantes resultaram em três categorias: valorização, atitude e inalterado. Os estudantes percebem o melhor entendimento e valorização pelo trabalho rural e conseqüentemente pelas pessoas que desenvolvem esse trabalho. Outros ressaltam mudanças nos comportamentos e atitudes cotidianas. E, alguns deles, em menor número, não percebeu nenhum tipo de alteração comportamental ou em suas perspectivas cognitivas.

Essas dimensões nos permitem articular com o pensamento de Claval (2007). O autor nos diz que a sociedade se estrutura em organizações hierárquicas institucionalizadas. Isso implica nas relações solidárias dentro de um mesmo grupo para que seus pares desenvolvam sentimentos de pertencimento. Esse processo em muitos casos desenvolve uma comunidade afetiva onde cada membro sente-se responsável pela segurança e bem-estar dos outros. Desta forma, sujeitos que se aproximam com intenção de integrar o grupo passam a desenvolver afetividade e empatia incorporando-se progressivamente aos demais. Esse aspecto aparece com clareza na resposta do A3: *percebo mudanças em meu comportamento, comecei a dar mais valor às coisas simples e ao trabalho das pessoas no campo, a trabalhar melhor em equipe e a ter mais responsabilidade, o valor de se estar no campo não tem comparação.*

Consideramos importante questionar sobre os projetos de vida, após a conclusão do curso de Técnico em Agropecuária. Evidenciamos duas categorias: universidade e emprego. Um grupo minoritário dos estudantes pretende cursar uma graduação na área das ciências agrárias após concluir o curso técnico. Já um grupo maior tem a intenção de se inserir no mercado de trabalho e concomitantemente viabilizar, também, uma formação superior que dê continuidade às aprendizagens e a qualificação profissional.

Essa constatação sugere uma tendência de consolidação de uma identidade voltada para a área rural e suas atividades, mesmo residindo em áreas urbanas. Segundo Oliveira (2011), a educação no contexto contemporâneo, assume responsabilidades e papéis que vão além da transmissão e construção de conhecimentos teóricos e práticos, perfazendo uma responsabilidade maior na construção e desenvolvimento de identidades.

Conclusão

Neste artigo buscamos, através de entrevistas e observação no ambiente escolar, compreender as relações identitárias dos estudantes da Escola Estadual Técnica Encruzilhada,

a partir das convivências cotidianas, que interligam representações de identidades rurais e urbanas, com destaque para os saberes, as características e estilos do gaúcho fronteiriço.

Os estudantes em regime de internato, em suas relações cotidianas, organizam o espaço sob influência de hábitos e tradições características das áreas rurais do Rio Grande do Sul. Esse processo caracteriza a territorialidade e tem como objetivo a manutenção do domínio territorial. Desta forma, a formação identitária dos estudantes é construída através da mediação entre o espaço, a cultura, a socialização dos saberes e as relações sociais.

Evidenciamos também, que as identidades dos estudantes são confrontadas com situações e dimensões cotidianas que auxiliam na construção social (ECOSTEGUY, 2001), sendo que o convívio no ambiente escolar rural influencia, de modo decisivo, na construção de novas identidades ressaltadas nos vestuários, hábitos, costumes, esporte, lazer, linguagens e projeto de vida.

Por fim, ressaltamos que a convivência dos estudantes em regime de internato na escola técnica ajuda a incorporar novos saberes, significados materiais e simbólicos, bem como os costumes tradicionais, privilegiando a visibilidade gaudéria como forma de garantir poder e aceitação no ambiente escolar.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *Da violência*. Brasília: EdUnB, 1985.
- CANCLINI, N. G. “Consumidores e cidadãos”. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. In: _____. *Culturas híbridas*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- CLAVAL, Paul. *Geografia cultural*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- ESCOSTEGUY, A. C. D. “Estudos culturais e recepção”. *Novos Olhares*, São Paulo, v. 2, p. 44-49, 1999.
- _____. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GOHN, Maria da Glória. *Novas teorias dos movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 2008.
- GOOGLE MAPS [Localização da Escola Estadual Técnica Encruzilhada – Maçambará – Rio Grande do Sul – Brasil]. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Encruzilhada,+S%C3%A3o+Borja++RS,+97670-000/@28.9943933,55.5156809,3878m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x94557d997ee27245:0xc0a018ee1152a685!8m2!3d-28.9944128!4d-55.5069261> Acesso em: 18 jun 2018.
- HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste*. Niterói: Eduff, 1997.
- _____. “Identidades territoriais”. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.
- _____. “Território e Multiterritorialidade: um debate”. *GEOgraphia*, n.17, p.19-46, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MACIEL, M. E. “Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo no Rio Grande do Sul”. *Revista Humanidades*, UFRN, nº 18, v. 07, 2005.
- MORAES, R; GALIAZZI, M. C. *Análise textual discursiva*. Ijuí: UNIJUÍ, 2011.
- NETO, G. H. *De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2009.
- NETTO, L. F. S. de A; RAMOS, F. R. S. “Cultura, identidade e trabalho: inter-relação de conceitos”. *Rev. Bras. Enferm.*, nº 02, Brasília, 2000.

OLIVEIRA, P. W. S. de. “Construção de identidades profissionais: da formação profissional à vivência da inserção no mercado de trabalho”. *Revista LABOR*, nº 06, v. 1, 2011.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. 3, edição. São Paulo: HUCITEC, 1986.

_____. *Espaço e Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 9, ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, T. T. “A produção social da identidade e da diferença”. In: HALL, S.; SILVA, T. T. da (Orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SAQUET M., “O território: diferentes interpretações na literatura italiana”. In: SPOSITO, E., M. SAQUET e A. RIBAS, (Org.). *Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão, SP: Edunioeste, 2004, p.121-147.

TOZONI-REIS, M. F. C. *Metodologia da pesquisa*. 2, ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.